

CAUSA EM AQUISIÇÃO DA ESCRITA: PROCESSOS JUNTIVOS

Lúcia Regiane Lopes-Damasio^a

Patrícia Celene Senna da Silva^b

RESUMO

Neste trabalho, analisamos aspectos do sistema de causalidade, com base em uma amostra longitudinal de textos produzidos por sujeitos em aquisição da escrita. Partimos da descrição dos contextos de junção com sentido de causalidade de acordo com padrões táticos, semânticos e pragmáticos. Em seguida, à luz dos resultados descritivos, propomos uma análise da causalidade na aquisição da escrita.

PALAVRAS-CHAVE: causalidade; junção; aquisição da escrita.

Recebido em: 31 mai. 2017

Aprovado em: 15 set. 2017

Introdução

Neste trabalho, focalizamos os mecanismos de junção (MJ) causais em textos produzidos por sujeitos em aquisição da escrita (AE), com o objetivo de propor uma análise que conjugue a AE com o sistema de

^a Doutora e Mestre em Estudos Linguísticos pela UNESP, Professora Assistente de Língua Portuguesa da UNESP - Assis. Desenvolve pesquisas na área de Linguística Funcional, Aquisição da Escrita, Mudança Linguística e Tradição Discursiva. Integra o Grupo de Pesquisa GPEL, do Diretório Nacional de Grupos (CNPq), e o Projeto para a História do Português Paulista (PHPP – Projeto Caipira/FAPESP).

^b Mestre em Estudos da Linguagem pela UFMT e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UNESP-SJRP.

causalidade, à luz da descrição dos contextos de junção causal de acordo com padrões táticos, semânticos e pragmáticos.

Para isso, abordamos uma amostra longitudinal de 100 textos produzidos por sujeitos de cada um dos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental,¹ (25 de cada ano), de acordo com a antiga seriação (1ª a 4ª série), com base em uma análise de fundo quantitativo-qualitativo (BYBEE, 2003).

No que tange à metodologia da análise, partimos do pressuposto de que a adoção do paradigma indiciário, eminentemente de cunho qualitativo (GINZBURG, 1939), é produtiva para a investigação da relação sujeito/linguagem, especialmente quando somada à adoção de um paradigma centrado na quantificação e na repetibilidade. Assumimos, portanto, a possibilidade de construção de um caminho metodológico que, para além do uso que se repete, olha para o singular, enquanto dado episódico de uma relação, em construção, entre o sujeito e a linguagem. Embora “em construção”, a compreensão dessa relação pode ser fundamental também para a explicação do uso quantitativamente expressivo.

Com essa escolha metodológica, reforçamos nossa posição de que o olhar para os textos escritos por crianças não deve taxar suas experiências e hipóteses sobre a linguagem/língua como “erros” ou “acertos”, mas como manifestações que podem assumir uma natureza singular, realizadas nesse período em que estão construindo seu modo escrito de enunciar, tendo como base sua imagem de escrita, ao circularem por práticas mais ou menos letradas. Com isso, assumimos com Abaurre *et al.* (2002) que os aprendizes são sujeitos reais, que têm características eventualmente universais, mas, sobretudo, que apresentam uma história própria e singular com a linguagem.

Sob essa perspectiva, partimos do levantamento das ocorrências de MJ com aceção *causal* e seguimos com a descrição de seu funcionamento tático, semântico e pragmático, cf. os critérios apresentados no Quadro 1. Os resultados dessa primeira etapa subsidiam a proposta de interpretação da causalidade do âmbito da AE.

¹ Como parte das produções do Grupo de Estudos da Linguagem (GPEL/CNPq), utilizamos textos extraídos do Banco de Dados sobre AE, constituído para subsidiar os trabalhos desse grupo, coletados por Capristano, nas aulas de Língua Portuguesa, em escola pública de S. J. do Rio Preto-SP, de 2001 a 2004.

CRITÉRIOS DE ANÁLISE		
TÁTICOS	Parataxe	
	Hipotaxe	
SEMÂNTICOS	Causa/efeito	
	Efeito/causa	
	Fato/explicação	
	Asserção/explicação	
	Asserção/conclusão	
PRAGMÁTICOS	Domínios	Conteúdo
		Epistêmico
		Atos de fala
	Estatuto informacional	Tema
		Rema

Quadro 1: Critérios de análise da causalidade

Dividimos a exposição em duas grandes partes, além desta Introdução e das Considerações finais: (i) apresentação da perspectiva teórica que fundamenta o trabalho; e (ii) exposição dos resultados descritivos e analíticos, a partir dos objetivos do estudo.

O sistema de causalidade

A concepção de causalidade assumida neste trabalho excede o domínio lógico-semântico e se efetiva à luz de relações discursivas, intrínsecas ao conhecimento de mundo dos participantes da interação, nos moldes propostos em Ziv (1993).² Nessa direção, a exemplo de Ziv – que mostrou, em construções paratáticas justapostas, paratáticas com *and*, construções

² Ziv parte dos pressupostos pragmáticos das máximas conversacionais griceanas e das crenças sobre o mundo para defender o vínculo contextual das leituras circunstanciais, sobretudo causais e condicionais, que emergem, por exemplo, em construções relativas do inglês. Em Ziv (1993), está em foco o argumento de que há independência entre as representações linguística e conceitual da causalidade, a partir da aceitação do papel singular dos contextos para tal interpretação.

não-finitas de gerúndio e particípio e construções relativas do inglês,³ que interpretações causais podem derivar de princípios associados à relevância (GRICE, 1975) e ao conhecimento de mundo –, também buscamos atrelar a representação conceitual da causalidade a aspectos pragmático-discursivos, essencialmente contextuais, ao mesmo tempo em que pretendemos nos afastar de uma visão limitada à relação entre a representação conceitual e linguística da causalidade.

Nesses termos, segundo Hamon (2006, p. 50), a enunciação torna-se o meio pelo qual o sujeito constrói a relação causal, deixando, no enunciado, uma interpretação em termos da causalidade observada na realidade. Está pressuposta aí a tomada da palavra por um sujeito que, ao enunciar, numa dada situação, manifesta a relação causal linguisticamente, por meio do léxico, dos MJ,⁴ de expressões verbais. Assim, a causalidade designa o par de eventos antecedente/consequente, mas também a relação que se cria entre eles, já que, segundo Hamon (2006, p. 59), a relação causal não está na língua, mas na ideia de produção dos “eventos”, materializada por meio da linguagem.

De acordo com esse modo de olhar, a noção de tempo, por exemplo, em certas instâncias, pode alimentar a leitura de causa, dado que a sucessão temporal entre os eventos no mundo traduz-se, linguisticamente, na ordenação de orações assimétricas, ligadas a uma ordem icônica, que faz convergir mundo e linguagem. Nessa ordem icônica, a interpretação do que vem antes como causa e do que vem depois como efeito pode ser considerada natural. Na mesma direção, a noção de causa também pode alimentar a leitura de condição, partindo da especificação de um conteúdo que expressa uma condição, uma razão ou um contexto, suficientes para a realização de outro conteúdo, de uma conclusão ou de um ato de fala. No entanto, cabe ao contexto legitimar,

³ Sobre construções relativas com valores circunstanciais, ver também Longhin; Lopes-Damasio (2014).

⁴ Contemplamos todos os tipos de MJ causal, encontrados nos textos, desde conjunções, advérbios, justaposição, locução prepositiva, pronome que – com leitura circunstancial –, entre outros. Tomamos o juntor como mais um elemento que constitui a relação causal, não mais como o único responsável pelo estabelecimento da relação de sentido. Compreendemos, ainda, que: (i) os MJ podem ser polissêmicos; e (ii) a justaposição é um MJ, nas combinações oracionais justapostas que estabelecem o sentido causal.

ou não, a implicação de causa-efeito, com base no conhecimento do falante/escrivente e de suas crenças acerca do mundo. A noção de causa, assim, torna-se fortemente discursiva, sustentando-se não só em traços do contexto linguístico, tais como a ordem icônica das orações e a significação verbal, como também em esquemas enunciativo-discursivos dos modelos e expectativas de mundo. Esses esquemas podem ser particularmente mais ou menos relevantes a depender da tradição de dizer/escrever⁵ em que o texto e, conseqüentemente, seus contextos se inserem.

Entendida, portanto, como princípio de organização das relações entre sujeito(s) e mundo, para/na expressão da subjetividade (ZIV, 1993; PAIVA, BRAGA, 2010), a noção de causa “se manifesta[m] *em* e se constitui[m] *por* práticas de linguagem, situadas num universo pragmático-discursivo, fato que confere à causalidade um funcionamento essencialmente social” (SONCIN; LONGHIN, 2014, p. 526).

A respeito das características táticas, rejeitamos a noção de que a parataxe é menos complexa se comparada à hipotaxe, por se mostrar típica de um certo tipo de oralidade informal e da linguagem infantil. Longhin-Thomazi (2011) esclarece que essa visão deriva da desconsideração das diferentes tradições textuais e da relação de proximidade, estabelecida equivocadamente entre simplicidade e oralidade. Para esclarecer esse equívoco, a autora elenca propriedades que caracterizam a parataxe como “complexa” e própria de algumas tradições textuais: (i) a ordenação fixa, enquanto reflexo do sequenciamento temporal icônico dos acontecimentos; (ii) o uso recorrente de recursividade, quando um mesmo segmento funciona como efeito de uma causa e como causa para o acréscimo de um novo efeito; (iii) a possibilidade de relações múltiplas e hierárquicas, em uma mesma construção, como o trânsito semântico entre tempo e causa; e (vi) o uso frequente da *justaposição* e do polissêmico *e*, revelando a *implicitude* das paratáticas que exige um olhar atento para a identificação da relação de sentido estabelecida pelo escrivente.

⁵ Neste trabalho, os textos são observados a partir da perspectiva das Tradições Discursivas (KABATEK, 2005) que viabiliza a observação de aspectos de sua natureza composicional, não homogênea e de suas relações com os MJ causal (cf. SILVA, 2016).

Aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos da causalidade

Os padrões sintáticos. Em relação aos padrões sintáticos, a observação parte da interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa, na perspectiva de Halliday (1985) e Raible (2001), em termos de parataxe e hipotaxe. De modo geral, na parataxe, estão previstas a ordenação fixa de orações de estatuto igual, numa relação temporal icônica, em que é mantida a sequência dos fatos no mundo. Na hipotaxe, por sua vez, está prevista a mobilidade das orações, com a anteposição ou posposição das causais. A análise revelou a predominância dos usos paratáticos nos quatro anos investigados:

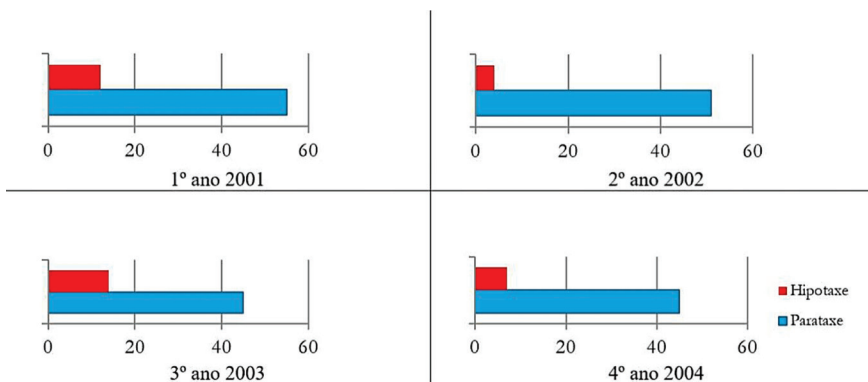


Gráfico 1: Frequência dos MJ causal e graus de interdependência sintática, do 1º ao 4º ano do EF.

Na arquitetura paratática, os MJ que se destacam, no *corpus* investigado, são *e*, *justaposição* e *porque*, respectivamente ilustrados de (1) a (3):

(1) [01/06/06]⁶ Senti um espirro | e atim **e** a casa derrubo **e** o porco lá no chão morto da silva.

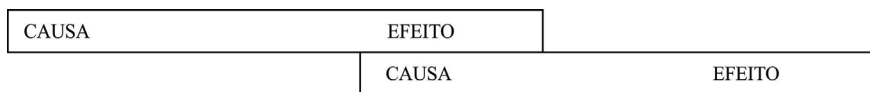
(2) [01/07/18] A | anta não enxerga direito **e** ela fica trombando nas | arvores.

⁶ As ocorrências são identificadas pelo número do ano da produção, da proposta e do escrevente.

(3) [01/04/31] Renata eu gostaria que vose puse o seu filho | nesa escola pôr o dudu pôrque ésa escola | **pôrque** aqui tamem comta estorilha

Em (1) e (2), a sequencialidade temporal implica uma relação causal entre os eventos, cf. uma ordem icônica dos fatos: *espírrar* é a causa de *ter derrubado a casa* (efeito) e a casa ter caído é a causa de *o porco estar morto da silva* (efeito); a *anta não enxergar direito* (causa) de *trombar nas árvores* (efeito). No mundo “imaginário”, um espírito pode causar a queda de uma casa, assim como, no mundo real ou imaginário, uma casa desmoronar em cima de alguém pode levá-lo à morte; da mesma forma, é possível recorrer aos esquemas de mundo para o entendimento de que *quem não enxerga direito esbarra em objetos*. Em (03), a oração iniciada por *porque* traz uma justificativa/explicação para o pedido do escrevente, expresso no primeiro segmento. Da mesma forma que nos exemplos anteriores, a ordem das orações é fixa, obedecendo à sequencialidade dos fatos: a explicação vem depois de uma afirmação.

Nesses contextos, o uso frequente de (i) *justaposição* e *e*; e (ii) *recursividade*, conforme movimento de projeção e retroação, esquematizado em 1, demonstra a complexidade das construções paratáticas (cf. LONGHIN-THOMAZI, 2011): senti um espírito e atim e a casa derrubo e o porco lá no chão morto da silva.



Esquema 1: Recursividade na construção causal paratática.

As construções hipotáticas são realizadas, no *corpus* investigado, com os jutores *porque*, *como*, *quando*, *por* e *por causa de*, em contextos cuja taxa marca estatutos diferentes nos elementos envolvidos – quando uma oração é modificadora e a outra modificada, numa ordenação livre, com exceção da causal com *como* (cf. (4)), que tem a característica própria de se antepor à principal, o que, segundo Neves (2002), está associado ao fato de se assentar na informação compartilhada entre ouvinte/leitor e falante/autor, a partir da qual se acrescenta a informação nova.

(4) [02/12/18] **como** chamo K...|que comessa com a letra K não tinha| quase muita coisa

(5) [01/13/10] **quando** gritamos as nossas cordas | vocais começa bater uma na outra bem forte

O juntor *quando*, ligado à noção de tempo, no contexto de (5), codifica uma relação causal e permite, ainda, uma inferência condicional (*porque/se* gritamos, as nossas cordas vocais começam a bater uma na outra bem forte), devido ao parentesco semântico entre a acepção mais concreta de tempo que alimenta as de causa e condição. A relação de proximidade entre tais acepções é explicada pela complexidade cognitiva crescente das relações semânticas (KORTMANN, 1997), segundo a qual a leitura mais concreta de tempo pode alimentar as leituras mais abstratas de causa e condição, não sendo o contrário verdadeiro.⁷

Os padrões semânticos. Para a análise dos padrões semânticos – (i) causa/efeito, (ii) efeito/causa, (iii) fato/explicação, (iv) asserção/explicação e (v) asserção/conclusão –, estabelecemos um cruzamento dos trabalhos de Zago (2014), Neves (2008, 2000) e Paiva (1993).

O padrão causa/efeito compreende construções que expressam causa concreta/real e o seu efeito/consequência, com relação temporal, no sentido de que a ordem das orações é icônica aos acontecimentos no mundo (a causa precede o efeito), de acordo com seus esquemas interpretativos.

O padrão (ii) efeito/causa diferencia-se do anterior pelo aspecto da ordenação das orações. Essa mudança na ordem, segundo Neves (2000), está relacionada à organização particular que o escrevente pode imprimir aos seus enunciados, considerando sua intenção comunicativa.

Nos padrões (iii) fato/explicação, (iv) asserção/explicação e (v) asserção/conclusão estão construções causais abstratas, que envolvem mais do

⁷ Realizamos também uma análise prosódica dos contextos causais. Os resultados encontrados não apresentaram diferença em relação ao que já é conhecido na literatura: as unidades entoacionais refletem a organização sintática das construções, i. e., as causais em construções paratáticas apresentam contornos entoacionais distintos, enquanto as hipotáticas apresentam uma unidade entoacional.

que a sequencialidade temporal e os esquemas de mundo. Neles, a causalidade depende também de aspectos pragmáticos que se relacionam à avaliação do escrevente a respeito do mundo. Em (iii), o segmento causal, com uma explicação, é precedido por um fato concreto, que se diferencia de uma asserção por ser contado em terceira pessoa (um narrador que não participa da ação relatada). As marcas de subjetividade, nesse padrão, encontram-se no segundo segmento, enquanto, nos padrões (iv) e (v), podem estar nos dois segmentos envolvidos, só na asserção ou só na oração explicativa/conclusiva.

Esses padrões semânticos foram observados, nos dados, cf. o Gráfico 2:

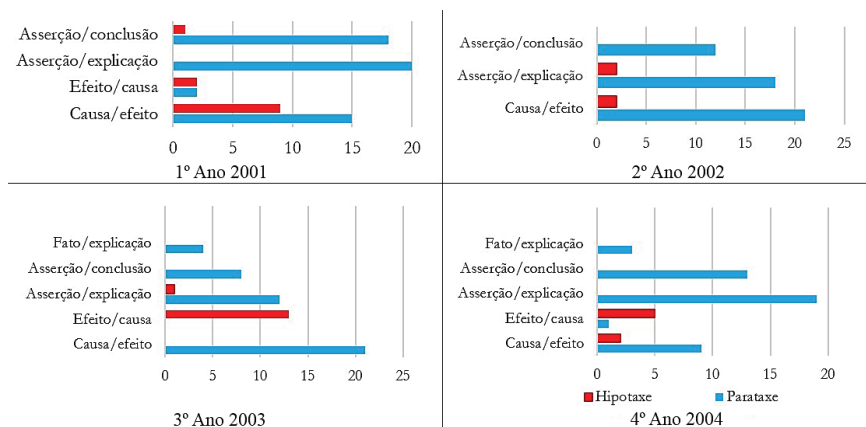


Gráfico 2: Frequência dos padrões semânticos causais, do 1º ao 4º ano do EF.

Os escreventes do 1º ano realizam a causalidade, prioritariamente, por meio dos padrões: causa/efeito (24/35,82%), asserção/explicação (21/31,34%) e asserção/conclusão (18/26,86%). O padrão causa/efeito foi preferencialmente realizado de forma paratática, com *e* (6) e justaposição. Em estruturas hipotáticas, as construções foram codificadas com o juntor *quando* (7) e *gerúndio*:

(6) [01/08/13] Sideixar | agua parada você pode pegar duença e morre

(7) [01/13/20] E Lembro | é das cordas vocais e do pumão | que enche o motorsinho e que as | cordas vocais e **quando** a gente grita | as cordas vocais sebatem fortes

Em (6), na oração iniciada por *e*, o escrevente apresenta a consequência/efeito de sepegar *uma doença*, a *dengue*, cujo efeito (*morrer*) é possível no mundo real. Em (7), *gritar* codifica a causa para o efeito *cordas vocais baterem forte*, em construção causal com relação temporal entre os fatos; o juntor *quando* estabelece uma sequencialidade temporal entre os segmentos. Nesse contexto, com base nas relações de sentido de tempo e causa, também é possível inferir a acepção condicional (*porque/se a gente grita, as cordas vocais se batem forte*).

Nos textos do 2º ano, a causalidade ocorre por meio dos padrões: causa/efeito (23/41,81%), asserção/explicação (20/36,36%) e asserção/conclusão (12/21,81%). A maior parte das construções de causa/efeito é realizada nos moldes já exemplificados. O padrão asserção/explicação ocorre com maior frequência na parataxe, codificado por *porque*, *justaposição*, *e* e *que*, com ordem fixa das orações, obedecendo à iconicidade, em que a justificativa/explicação é posterior ao fato assertado. Na hipotaxe, as ocorrências de asserção/explicação também são realizadas com o juntor *porque*.

(8)[02/14/02] E... você poderia vir com a C... a | escola ensinar como que se faz uma repostagem | **porque** a C... disse para classe inteira que você | e reporter

(9) [02/09/08] ela tinha sido roubada e eu achei | a porta da gaiola aberta e Pegada.

Em (8), na oração introduzida por *porque* – *a C... disse para a classe inteira que você é repórter* –, o escrevente explica o pedido expresso no primeiro segmento (*E... você poderia vir com a C... a escola ensinar como se faz uma repostagem?*). Em (9), após afirmar que sua maritaca *havia sido roubada*, explica essa afirmação com duas evidências – *achei a porta da gaiola aberta e (achei) pegada*, dentro de um esquema de recursividade, característico das construções paratáticas nos textos infantis.

Os escreventes do 3º ano realizam a relação de causa por meio dos cinco padrões: causa/efeito (21/35,59%), efeito/causa (13/22,03%), asserção/explicação (23/22,03%), asserção/conclusão (08/13,55%) e fato/explicação (04/6,77%). O padrão asserção/conclusão só ocorreu com o juntor *por isso* e Ø. Em (10), após elencar informações sobre os cegos, o escrevente acrescenta uma conclusão *devemos ter respeito pelos cegos*, acerca do texto todo:

(10) [03/40A/10] Cegos | São pessoas com doença visual | que tem direitos iguais ao de pessoas normais como: | Ir a escola, voltar a Trabalhar | Todos nós sabemos que o cego | tem qualquer coisa por isso | quando ele precisar de ajudar e | todo cego tem um cachorro de qual- | quer raça desde que seja trei- | nado e não seja vira-lata, **por isso** |que devemos ter respeito pelos cegos

O padrão efeito/causa (13/22,03%) é codificado apenas em construções hipotáticas com *porque*, *por causa de* e *por*. Em (11), o escrevente marca a causalidade com a perífrase preposicional:

(11) [03/31/26] Eu não sei por que tem tantos | signo por que tem Esse negocio **por causa** | **do** dia que nos nacemos

Nas causais do quarto ano, são frequentes os padrões asserção/explicação (19/36,53%), asserção/conclusão (13/25%) e causa/efeito (11/21,15%). Menos recorrentes são os padrões efeito/causa (06/11,53%) e fato/explicação (03/5,76%). Este último se concretiza em estruturas paratáticas com *porque*, *que* e *pois*. Em (12), o sujeito explica, na oração iniciada por *que*, o fato de a personagem ter encontrado *um garfo e uma faca formando uma cruz dentro da boneca*:

(12) [04/50/03] a Cristiane pegou | o boneco e rasgou o pescoço | do boneco e ela viu um garfo | e uma faca em forma de uma | cruz **que** fizeram uma macumba

Os padrões pragmáticos. Para a apreensão dos critérios pragmáticos, adotamos, conforme Sweetser (1991), três domínios possíveis para as construções causais: (i) o domínio do *conteúdo*, que engloba as construções que expressam causalidade entre dois fatos reais/concretos no mundo, voltada para as experiências sócio-físicas do escrevente, consideradas, portanto, mais referenciais; (ii) o domínio *epistêmico*, que engloba a relação causal dependente das impressões particulares de cada escrevente a respeito daquilo que conhece do mundo, abarcando construções que apresentam relações mais abstratas, associadas a explicações/conclusões; (iii) o domínio dos *atos de fala*, que engloba a junção associada à explicação causal de um ato de fala em relação a outro. Ainda de acordo com Sweetser, pode haver uma passagem unidirecional entre os domínios, em que os mais abstratos derivam dos mais concretos. Dessa forma, o domínio epistêmico e o dos atos de fala seriam posteriores ao de conteúdo.

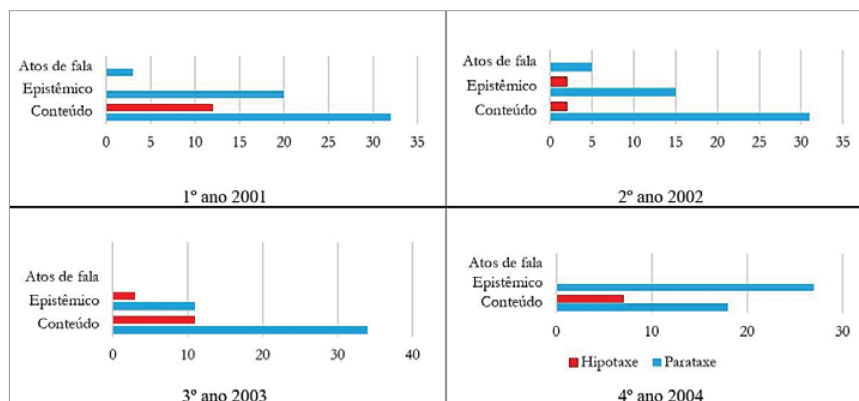


Gráfico 3: Frequência dos domínios pragmáticos, do 1º ao 4º ano do EF.

Os resultados demonstram que, nos três primeiros anos, a causalidade é mais frequente no domínio do conteúdo (44/65,67% - 1º ano; 33/60% - 2º ano; e 47/79,66% - 3º ano), seguido pelo epistêmico (20/29,85% - 1º ano; 17/30,9% - 2º ano; e 47/79,66% - 3º ano) e, por último, pelo dos atos de fala (03/4,47% - 1º ano; 05/9,09% - 2º ano). Não foram constatadas ocorrências no domínio dos atos de fala nos textos do 3º e 4º anos. Naqueles referentes

a 2004, embora a frequência das causais seja maior no domínio epistêmico (27/51,92%), a diferença é pequena se comparada à das construções de conteúdo (25/48,07%).

Os dados do primeiro ano mostram que as causais paratáticas, no domínio do conteúdo, estão frequentemente relacionadas com os padrões causa/efeito (15/22,38%), exemplificado em (13), e asserção/conclusão (11/16,41%), em (14):

(13) [01/08/13] Sideixar | agua parada você pode pegar duença e morre

(14) [01/06/06] [...] Estava pessizando | de uma xicara de açúcar e fui pedir para o meu vizinho | açúcar pa meu vizinho porco | o porco me disse vai embora lobo e senti um espirro | e atim e a casa derrubo e o porco lá no chão morto da silva | eu fui na casa do irmão do porco era um pouco mas esperto | fez uma casa de lenha e pedi açúcar para ele ele | disse não e espirrei atin e a casa desmuronou e o porco mor | reu. Eu repeti o ratu eu fui no utro porco eu espirrando ele falava | e fiquei bravo e a policia me prendeo me da uma xicara de açúcar fim

Em (13), na oração iniciada por *e*, o escrevente apresenta a consequência/efeito de *alguém pegar uma doença*, a dengue, codificando uma causa real/concreta. Em (14), a conclusão, *a policia me prendeu*, na oração iniciada por *e*, está fundamentada em todo o contexto anterior, que expõe um fato real/concreto e não suposições ou avaliações do escrevente e, por isso, pertence ao domínio do conteúdo. Trata-se, portanto, de um uso que acusa um trabalho do sujeito com a linguagem, distanciando-se da correlação mais esperada entre o domínio epistêmico e o padrão asserção/conclusão.

Nos dados do segundo ano, o segundo domínio mais frequente é o epistêmico (15/27,27%), com os padrões asserção/explicação (05/9,09%) e asserção/conclusão (10/18,18%). Em (15), o escrevente aconselha *a continuar a jogar*, pois avalia/julga que *é muito divertida [a brincadeira]*. Em (16), o escrevente acredita que *ele gostar de jornal* é motivo para concluir que a convidada *deva ir até a escola*:

(15) [02/12/12] quando|todos falarem pode continuar **Ø** é muito divertido | brincar disso

(16) [02/14/05] E... S... eu convido | você para vir até a nossa escola | para falar sobre o seu trabalho |porque eu gosto de jornau **porisso** | vem

Em (17), temos uma ocorrência do padrão causa/efeito, codificada hipotaticamente no domínio epistêmico:

(17) [02/09/16] Um dia vi um negócio que | eu fiquei muito chateado, eu vi que | os casambeiros jogavam lixo lá num | terreno e eu vi que o caçambeiro | éra o mesmo da minha rua **como** | eu gostava dele, eu não falei nada

Nesse contexto, o escrevente conta que viu o lixeiro da sua rua jogando lixo em um terreno. Na construção causal, o fato de o escrevente *gostar do lixeiro* é a causa de *ele não falar nada* (denunciar o lixeiro por estar jogando lixo em local inapropriado). Aqui a relação causa-efeito é “construída” pelo escrevente de acordo com as suas experiências e avaliação de mundo, de forma pragmática, não estando logicamente implícita nos eventos narrados. Trata-se, novamente, de um uso singular que acusa um trabalho do sujeito com a linguagem fora do que é esperado em relação ao que é mais frequente (a correlação entre o domínio do conteúdo e o padrão causa-efeito).

O domínio epistêmico abrange, nos dados do terceiro ano, na parataxe, os padrões asserção/explicação (04/6,77%) e asserção/conclusão (05/8,47%), cf. (18); e, na hipotaxe, efeito/causa (02/3,38%) e asserção/explicação (01/1,69%), cf. (19):

(18) [03/39A/23] A deficiência física é uma coisa | Muito triste, **Ø** não sentimos braços e | pernas só a cabeças

(19) [03/40A/16] Se eu fosse paraplegico, eu andaria | de cadeira-de-rodas, eu iria poder | ir a “escola” **porque** eu gosto de | apremder a escrever ea comtar.

Em (18), o escrevente faz uma avaliação sobre a deficiência física, no primeiro segmento, para, no segundo, explicar o motivo que o levou a afirmar que *é uma coisa muito triste*. Em (19), o escrevente acrescenta uma explicação,

de acordo com a sua avaliação. O uso do verbo *gostar* é um indício da subjetividade presente nesse caso.

Diante dessa descrição, a possibilidade de relacionarmos, majoritariamente, os domínios pragmáticos e os padrões semânticos, mostrando, por exemplo, que o padrão causa/efeito é formado por processos juntivos que codificam causa mais concreta/real, no domínio do conteúdo, enquanto o domínio epistêmico, por estar ligado à avaliação/julgamento do escrevente, é relacionado com os padrões mais abstratos (asserção/explicação, asserção/conclusão e fato/explicação), não exclui as ocorrências de causais que se distanciam dessas relações e que, por isso, marcam o resultado do contato do sujeito com a linguagem, na aquisição do modo escrito de enunciar.

Sob essa perspectiva, estão os casos em que os padrões mais abstratos são interpretados no domínio do *conteúdo*, pois a explicação/conclusão baseia-se em fatos concretos e não em suposições dos escreventes, cf. (14), bem como aqueles em que os padrões causa/efeito ou efeito/causa – que normalmente codificam uma relação causal lógica – manifestam-se em contextos em que a “lógica” é estabelecida pelo escrevente, marcando, assim, uma forma mais pragmática de codificação da relação, cf. (17).

Por fim, em número reduzido, o domínio dos atos de fala se relaciona, nos dados do 1º ano, apenas com o padrão asserção/explicação (03/4,54%), cf. (20), em que o primeiro membro da construção, *coloque seu filho aqui*, é um ato de fala cuja realização é justificada por uma avaliação/julgamento do escrevente, *essa escola é boa*:

(20) [01/04/12] coloque oseu | filho aqui nessa escola por favor | **porque**
esa escola é boua

A análise da distribuição informacional, fundamentada no entendimento de que a informação nova (rema) compreende aquela não mencionada anteriormente, e que a velha (tema) compreende a já compartilhada, segue os pressupostos de Paiva (1993) e Neves (2000) de que as causais que compreendem explicações ou conclusões geralmente são remáticas e pospostas,⁸

⁸ Segundo Paiva (1993), as causais pospostas precedidas por uma pausa – *Y pausa porque*

enquanto as causais referenciais são temáticas e antepostas, seguindo o princípio de iconicidade e distribuição de informação.

A maior recorrência constatada nos dados é de construções causais remáticas (50/74,62% - 1º ano; 42/76,36% - 2º ano; 48/81,35% - 3º ano; e 46/88,46% - 4º ano):

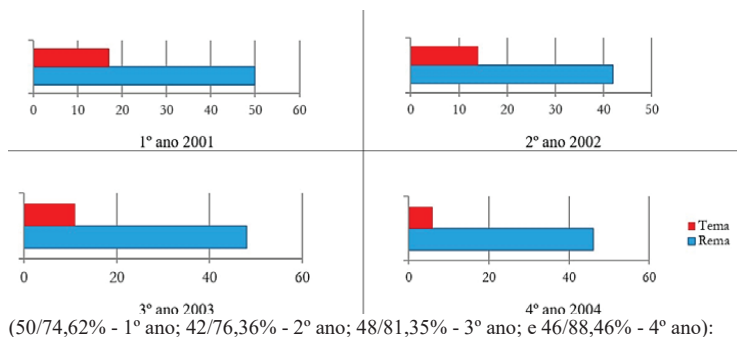


Gráfico 4: Distribuição do estatuto informacional, do 1º ao 4º ano do EF.

Aspectos da aquisição da causalidade

Para expor as correlações entre os resultados da descrição da causalidade e os aspectos da AE, partimos da frequência *token* dos MJ causais (igual a 233 ocorrências), distribuída, no Gráfico 5, de acordo com cada período investigado:

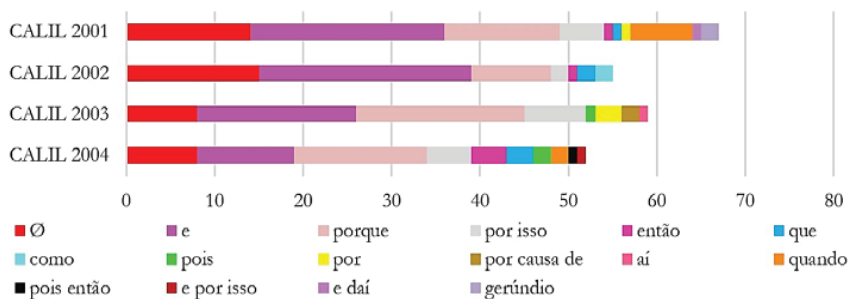


Gráfico 5: Frequência de *token* - MJ causais, do 1º ao 4º ano do EF.

X – ocorrem em situações em que seria o locutor antecipa uma informação que lhe poderia ser solicitada.

A análise comparativa explicita os MJs mais frequentes: o polissêmico e (75/32,18%), a *justaposição* (45/19,31%). Os jutores mais prototípicos *porque* (56/24,03%) e *por isso* (19/8,15%) são mais frequentemente escolhidos, em todos os anos, para a causalidade. Os temporais e *daí* (01/0,42%), *aí* (01/0,42%), *então* (06/2,57%) e *quando* (09/3,86%) ilustram a tendência tempo > causa.

Os resultados corroboram uma oscilação na variabilidade e frequência dos MJ observados ao longo do tempo. Os anos de 2001 e 2004 foram os que apresentaram maior variabilidade de mecanismos, mas, no primeiro ano, houve mais ocorrências (67/28,75%) do que nos demais – 2002 (55/23,60%), 2003 (59/25,32%) e 2004 (52/22,31%). Em 2002, há uma queda tanto na variabilidade quanto na frequência dos MJ. Nesse sentido, nossos dados corroboram o não tratamento da AE como universal a todos os sujeitos, com etapas cognitivas pré-determinadas rumo à escrita convencional, cf. algumas correntes teóricas, segundo as quais⁹ era de se esperar que os escreventes fossem gradativamente inserindo, em seus textos, os MJ causais, e que, consequentemente, tivéssemos um uso menor nos primeiros anos e maior nos últimos.

Essa oscilação é fruto de diferentes hipóteses sobre como juntar as partes de seus textos – permitidas pelas possibilidades que o sistema da língua oferece –, construídas pelas crianças, a partir da complexa relação sujeito/língua. Por exemplo, o uso de MJ temporais – *quando*, *então*, e *daí* – estabelecendo uma causa é possível porque sistematicamente tempo alimenta a causalidade, em termos de parentesco semântico e cognitivo. Assim, o sistema, que é aprendido pela criança muito antes das normas¹⁰ da língua, permite o uso desses mecanismos nos dois tipos de relação.

Outro fato que merece destaque é o uso da *justaposição* (45/19,31%). Os dois primeiros anos manifestaram a maior frequência de junção causal sem a presença de um jutor (2001 - 14/6%; 2002 - 15/6,4%), enquanto 2003 e

⁹ Como Ferreiro e Teberosky (1989), fundamentadas na teoria de desenvolvimento piagetiana.

¹⁰ Conforme Coseriu (1979, p. 120-121), “[...] o sistema abrange as ‘possibilidades’, as diretrizes e os limites funcionais da realização. [...] Aprende-se o sistema muito antes do que a norma: muito antes de conhecer as realizações tradicionais para cada caso particular, a criança conhece o sistema de ‘possibilidades’, donde as suas frequentes ‘criações sistemáticas’, contrárias à norma (como *fazi* e *trazi*, por *fiz* e *troux*)”.

2004 apresentaram a mesma frequência (08/3,43%). A frequência maior de uso da *justaposição*, no início da inserção das crianças na AE, está relacionada às tradições orais a que o escrevente está mais habituado. A justaposição, enquanto recurso comum na oralidade informal, ajusta-se a um gesto que aponta, na fala, para a presença do interlocutor e, na escrita, para a representação desse interlocutor, permitindo o preenchimento dos vazios de sentido deixados por aquele que fala/escreve, no sentido de que o diálogo (transposto para a escrita) possibilita o esclarecimento das dúvidas. Assim, a criança recorre, ao estar se inserindo no novo – nesse caso, na escrita convencional –, àquilo que lhe é disponível.¹¹

Ainda em relação à estrutura sintática, nos quatros anos, prevalecem as construções paratáticas (196/84,12%), quando comparadas às hipotáticas (37/15,87%):

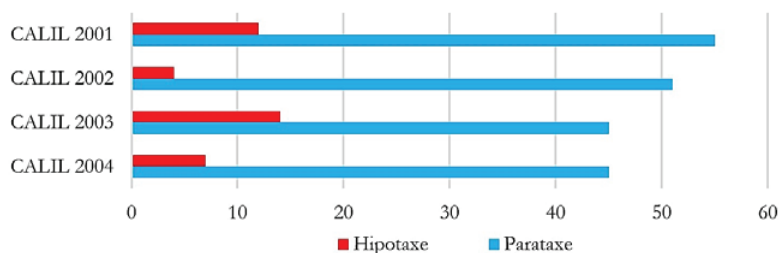


Gráfico 6: Graus de interdependência sintática, do 1º ao 4º ano do EF.

Esses dados mostram que, juntos, os dois últimos anos revelam uma frequência maior das hipotáticas, mas, ainda assim, ela não se distancia significativamente da dos anos anteriores. A estrutura paratática, por sua vez, mantém-se em predominância em todos os anos. Apesar de nos remeter às hipóteses filogenética e ontogenética, que defendem uma passagem progressiva no processo de mudança e aquisição, que parte das paratáticas em direção às hipotáticas (LONGHINI-THOMAZI, 2011), esses resultados mostram que essa “evolução linguística” não é categórica, uma vez que há ocorrências de ambos os tipos de configurações

¹¹ Não lidamos com esses casos como interferência da oralidade na escrita, mas como uma escrita que é heterogênea, levando em conta, portanto, as representações que o escrevente constrói sobre a (sua) escrita, sobre o interlocutor e sobre si mesmo (CORRÊA, 2004).

táticas em todos os anos analisados, inclusive no inicial. Somamos a esse dado, conforme vimos argumentando, a aceitação de que a parataxe não deve ser vista como uma construção simples. Embora diferente da hipotaxe, a dicotomia “simples *vs.* complexo” não se sustenta, pelos motivos já ilustrados aqui.

No que diz respeito aos aspectos semânticos, o gráfico 7 mostra que os padrões efeito/causa (23/9,87%) e fato/explicação (07/0,3%) não foram codificados em todos os anos, enquanto causa/efeito (79/33,9%), asserção/explicação (72/30,90%) e asserção/conclusão (52/22,31%) foram os mais utilizados. Nesse sentido, os resultados corroboram o posicionamento teórico de que é preciso considerar a relação causal para além de uma relação lógica e linguística entre uma causa e um efeito. Os dados demonstram que há diversas formas de estabelecer essa relação e que as crianças, em AE, já utilizam a causalidade na construção de seus textos, com base no contar de fatos ou no argumentar, associadamente ao predomínio da parataxe.

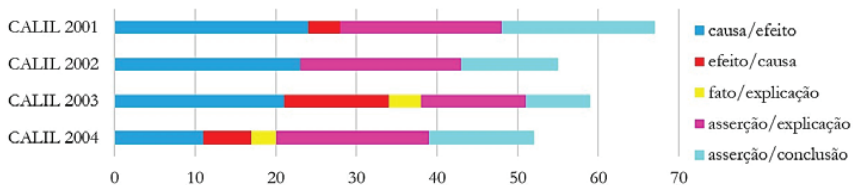


Gráfico 7: Os padrões semânticos causais, do 1º ao 4º ano do EF.

Esses resultados também sustentam a hipótese filogenética e ontogenética de que as relações semânticas mais abstratas, cognitivamente mais complexas, derivam das mais concretas, menos complexas. Esse caminho é evidenciado pelo uso de fato/explicação apenas nos anos finais, 2003 (4/1,71%) e 2004 (3/1,28%); de causa/efeito, que, embora seja o mais utilizado nos três primeiros anos, experimenta uma redução de frequência a cada ano – 2001 (24/10,30%), 2002 (23/9,87%), 2003 (21/9,01%) e 2004 (11/4,72%); e de efeito/causa, que ocorreu em maior frequência nos anos finais. Esse padrão, considerado menos concreto do que causa/efeito, porque não segue o princípio da iconicidade, aparece, em 2001 (04/1,71%), em menor frequência do que nos dois últimos anos, 2003 (13/5,57%) e 2004 (6/2,5%), não ocorrendo em 2002. Destaca-

mos, também, o padrão asserção/explicação que, em 2004 (19/8,15%), apresenta maior frequência que nos demais anos, sustentando a mesma hipótese de complexidade cognitiva associada à progressão das séries escolares.

Apesar de o padrão asserção/explicação mostrar esse comportamento no último ano, não se apresentou de forma esperada nos três primeiros. Em 2001 e 2002 (20/8,58%), sua frequência foi a mesma; já em 2003, em que se esperava um número maior de ocorrências, apresentou queda (13/5,57%). O padrão asserção/conclusão era esperado com maior frequência nos últimos dois anos, porém é em 2001 (19/8,15%) que ele é mais recorrente, com oscilação em 2002 (12/5,15%), 2003 (08/3,43%) e 2004 (13/5,57%). Considerando essas especificidades, a hipótese cognitiva não pode ser considerada “totalmente suficiente” para explicar a manifestação dos padrões causais, o que aponta para outros fatores nas escolhas de causalidade pelos escreventes, como, por exemplo, as TDs a que seus textos pertencem (SILVA, 2016).

Em relação aos aspectos pragmáticos, os escreventes realizam as construções causais no domínio do conteúdo (150/64,37%) e epistêmico (75/32,18%). O domínio dos atos de fala foi constatado apenas nos anos de 2001 (03/1,28%) e 2002 (05/2,14%):

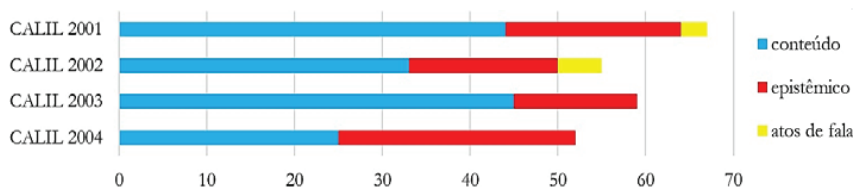


Gráfico 8: Os domínios pragmáticos, do 1º ao 4º ano do EF.

Observando o Gráfico 8, temos, em 2001, maior ocorrência do domínio do conteúdo (44/18,88%), seguido pelo epistêmico (20/8,58%), e, por último, dos atos de fala (03/1,28%). No ano de 2002, a sequencialidade é a mesma (conteúdo - 33/14,16%, epistêmico - 17/7,29%, atos de fala - 05/2,14%). Em 2003, as construções causais que estão no domínio de conteúdo (45/19,31%) são mais frequentes que as de todos os anos e também as do epistêmico (14/6%), desse ano, que representa o menor índice em todo o período. Por fim, em 2004, o domínio do conteúdo (25/10,72%) revela a

menor e o epistêmico (27/11,58%), a maior frequência dos quatro anos.

Com isso, vemos que, com exceção de 2003, os usos no domínio do conteúdo diminuem com o passar do tempo. A presença de construções de conteúdo nos quatros anos, somada ao aumento das epistêmicas, em 2004, também aponta para a hipótese ontogenética, em que, primeiramente, se adquirem as construções do domínio do conteúdo, por serem mais acessíveis aos escreventes, e depois as do domínio epistêmico. No entanto, a manutenção das construções de conteúdo ao longo dos anos sugere a complexidade semântico-cognitiva desse domínio, nos textos iniciais, ou seja, o uso menos explícito/mais opaco desses complexos na AE.¹²

O estatuto informacional das causais revela mais informações novas (remáticas) (185/79,39%) do que dadas (temáticas) (48/20,60%), sendo a frequência de causais com informação nova regularmente mantida no decorrer dos anos (cf. Gráfico 4). Segundo Bally (1965), uma das formas de articular a combinação de orações é por meio da relação tema/propósito, em que o tema é caracterizado como o ponto de partida para o propósito que será acrescentado, o qual portará a informação mais importante, geralmente nova, para o texto. Portanto, a intenção do escrevente tende ao acréscimo de informações novas, porque tornam o texto mais dinâmico comunicativamente.

No Gráfico 9, segue a distribuição informacional associada aos padrões causais:

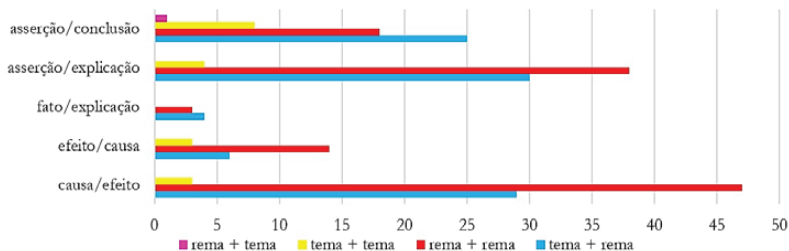


Gráfico 9: Padrões causais de acordo com o estatuto informacional, do 1º ao 4º ano do EF.

¹² Outra ressalva à tendência ontogenética é que (cf. os resultados) os usos no domínio dos atos de fala foram constatados apenas nos dois primeiros anos, diferentemente do esperado. Também aqui, a tradição textual desenvolvida pelos escreventes favorece esse tipo de ocorrência, por serem tradições injuntivas, em que o escrevente emite uma ordem e explica essa ordem, logo em seguida, no esquema causal.

Os escreventes optaram, principalmente, por duas formas de organizar as informações: (i) 1º e 2º segmentos remáticos; e (ii) 1º segmento temático e 2º remático. A forma (i) foi priorizada nos padrões causa/efeito, efeito/causa e asserção/explicação, enquanto a forma (ii) foi priorizada nos padrões fato/explicação e asserção/conclusão.

O padrão asserção/conclusão comporta-se de modo diferente em relação aos outros. Além de ser realizado prioritariamente pela forma (ii), também apresenta a maior frequência de informação temática nos dois segmentos (08/34,43) (além de uma ocorrência em que o primeiro segmento é remático e o segundo é temático). Esses resultados associam-se à manifestação da intencionalidade do escrevente, que insere conclusões com informações textualmente compartilhadas por julgá-las relevantes para a construção do sentido do (seu) texto. Quando parte de informações dadas para inserir conclusões novas, no entanto, faz com que seu interlocutor considere um conjunto informacional que será o suporte para essa informação nova/conclusiva.

Considerações finais

Neste trabalho, descrevemos aspectos táticos, semânticos e pragmáticos dos MJ causais, em textos de escreventes das antigas primeira a quarta séries do EF, a fim de propor uma análise da causalidade na AE, a partir de um entendimento que excede o domínio lógico-semântico e se efetiva à luz de relações discursivas, intrínsecas ao conhecimento de mundo dos escreventes enquanto sujeitos.

De modo geral, os dados demonstraram que esses sujeitos escolhem formas distintas de juntar orações e marcar a noção de causa, usando diferentes MJ e também a recursividade. Também lançam mão do modo de enunciação que dominam, ou seja, a fala, via práticas de oralidade, configurando, assim, a heterogeneidade constitutiva da escrita, o que justificativa o fato de o maior número de mecanismos encontrados pertencerem ao eixo paratático, mais comum em textos falados informais.

Os padrões semânticos mais recorrentes foram, além de causa/efeito, os de asserção/explicação e asserção/conclusão, corroborando a aceitação de que a relação causal excede os domínios lógico-semânticos e que exige, em contrapartida, a consideração de relações discursivas.

A análise pragmática dos domínios de Sweetser (1991) demonstrou, de modo geral, a predominância do domínio do conteúdo, seguido pelo epistêmico, e dos atos de fala. Também foi maior a frequência de informações novas (remáticas) nas causais, variando entre partir de informações velhas ou de informações novas, o que permite relacionar esse acréscimo de informação à interação discursiva que o sujeito estabelece com o seu possível leitor. Mesmo que em menor frequência, as causais que partilham informações já mencionadas (temáticas) podem ser associadas à intenção comunicativa do escrevente, que as avalia como sendo informações importantes em/para seu texto.

Sob o viés da ontogenia, assumimos que a cognição é um dos aspectos que pode ajudar a compreender a aquisição do funcionamento das relações causais, mas que outros aspectos são diretamente influenciadores nos diferentes contextos de causalidade em textos infantis. Ao verificar grande oscilação e não sequenciamento ideal, no decorrer dos quatro anos, tanto na frequência dos mecanismos quanto nos padrões semânticos e nos domínios pragmáticos, nossos dados não evidenciam uma aquisição de acordo com o aumento da complexidade cognitiva de forma linear. Ao contrário disso, o estudo contribui para que a AE deixe de ser tratada como universal e que o sujeito nela envolvido deixe de ser idealizado, porque é real e lida com a linguagem à sua maneira, perpassada pela (sua) imagem da escrita convencionalizada, pela influência do outro e pelas práticas orais e letradas em que está inserido, como também pelas tradições escritas e orais com que está em contato.

Referências

- ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. *Cenas de Aquisição de escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.
- BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique française*. 4ª ed. Éditions Franke Berne, 1965 [1944].
- BYBEE, J. Mechanisms of changes in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEF, B.; JANDA, R. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Blackwell Publishing, 2003.

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Tradução Diana Myrian Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso; supervisão da tradução: Alfredo Nestor Jerusaunsky. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

GINZBURG, C. *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos, emblemas e sinais*. (Tradução) São Paulo: Companhia das Letras, 1939, p. 143-180.

GRICE, P. H. *Logic and conversation*. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (eds.) *Syntax and semantic 3: speech acts*. New York: Academic Press, 1975, p.41-58.

HALLIDAY, M. A. K. *Above the clause: the clause complex*. In: ____ *An introduction to Funcional Grammar*. New York: Arnold, 1985.

HAMON, S. *La cause linguistique*. *LINX*, n. 54: 61-72, 2006.

KABATEK, J. *Tradiciones discursivas y cambio lingüístico*. *Lexis* XXIX. 2, [S.l.]: 151-177, 2005.

KORTMANN, B. *Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

LONGHIN, S. R.; LOPES-DAMASIO, L. R. *Construções relativas com traços circunstanciais: causa, condição e contraste*. *Veredas on-line atemática*, v.18, n.2: 136-155, 2014.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. *Aquisição de tradições discursivas: marcas de uma escrita heterogeneamente constituída*. *Alfa*, 55 (1): 225 - 248, São Paulo, 2011.

NEVES, M. H. M. *As construções causais*. In: NEVES, Maria Helena de Moura (org). *Gramática do Português Falado*. São Paulo: Unicamp, 2008, p. 461-496.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000, p. 801-829.

PAIVA, M. C. *Cláusulas causais adendos: uma variante de ordenação?* *Rev. Est. Ling*, 2 (2), 5-21, Belo Horizonte, jan/jun 1993.

PAIVA, M. C.; BRAGA, M. L. *Juxtaposition et coordination: deux formes de parataxe?* In: BÉGUELIN, M. J.; AVANZI, M.; CORMINBOEUF, G. (eds.). *La Parataxe*. Tome 1: Entre dépendance et intégration. Berne: Peter Lang; Collection Sciences pour la communication, 2010, p. 313-332.

RAIBLE, W. Linking clauses. In: HASPELMATH, M. et al. (Ed). *Language typology and language universals: an international handbook*. Berlin: Walter de Gruyter, 2001. p. 590-617.

SONCIN, G.; LONGHIN, S. R. A causalidade de porque em textos escolares. *Linguagem & Ensino*, v. 17, n.2: 525-549, Pelotas, 2014.

SILVA, P. C. S. *Processos junctivos de causa em aquisição da escrita: uma abordagem de tradições discursivas*. Cuiabá, 207f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Mato Grosso, 2016.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

ZAGO, P. Z. *Processos junctivos de causa: um estudo dos usos variáveis em textos escritos*. São José do Rio Preto, 109f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2014.

ZIV, Y. Causality and context dependence. *Belgian Journal of linguistics*, v. 8: p.187-200, 1993.

CAUSE IN WRITING ACQUISITION: JUNCTIVE PROCESSES

ABSTRACT

In this paper, we analyze aspects of the causality system, based on a longitudinal sample of texts written by subjects at the writing acquisition stage. We start by a description of contexts with junction conveying a sense of causality according to tactic, semantic and pragmatic patterns. In the sequence, in view of the descriptive results, we propose an analysis of causality in writing acquisition.

KEYWORDS: causality; Junctive processes; writing acquisition.